

Pedro Gontijo/Agência Senado

CORREIO POLÍTICO

Instagram@flaviobolsonaro



Flávio, Eduardo, Paulo Figueiredo e Trump: a foto

Flávio respira um pouco mais aliviado

Os adversários do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) certamente irão minimizar o feito. E a internet já está cheia de memes modificando a sua foto ao lado do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Os aliados do presidente Luiz Inácio Lula da Silva lembrarão que ele ficou por três horas com Trump, almoçou com ele e discutiu diversos assuntos. O encontro com Flávio não estava na agenda. Mas, segundo Flávio, os dois, além da foto, conversaram e ele pediu a Trump que classifique o Comando Vermelho e o PCC como organizações terroristas. Para o comando da campanha de Flávio, a reunião foi um suspiro de alívio. Há uma constatação entre eles de que esta semana começou melhor para o candidato do PL à Presidência.

Efeito da bomba absorvido

A avaliação é que o efeito da bomba colocada no colo de Flávio Bolsonaro com o áudio no qual ele pede R\$ 134 milhões para Daniel Vorcaro, o dono do Banco Master, já estaria mais absorvido. A primeira constatação nesse sentido veio com a pesquisa Nexus/BTG. Quando saiu a AtlasIntel na semana passada, a reação no meio de Flávio foi tão ruim que ele ameaçou contestar na Justiça. A Nexus/BTG apontou um declínio, mas já menor.

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Nexus não indicou muita vantagem de Lula

Nexus não variou muito

Ao contrário das pesquisas da semana passada, a Nexus aponta variações que ficaram dentro da margem de erro. Na simulação de segundo turno, Lula subiu dois pontos, de 45% para 47%, e Flávio caiu dois pontos, dos mesmos 45% para 43%. Na pesquisa estimulada de primeiro turno, ambos tiveram uma queda de um ponto percentual. As simulações de segundo turno com Ronaldo Caiado, do PSD, e com Romeu Zema, do Novo, mostram crescimento das intenções de voto em Lula. Ou seja, as alternativas à direita contra Lula não avançam.

Foto para ser trunfo

Quando Lula foi se encontrar com Trump há três semanas na Casa Branca, foi uma ducha de água fria para Flávio. Ducha que ficou intensamente mais geladas com os desdobramentos do caso Master. A foto obtida será usada como trunfo. Mal ou bem, a ideia é demonstrar a partir dali uma aproximação ideológica com Trump, que Lula está longe de ter ou mesmo perseguir.

POR
RUDOLFO LAGO

Chefe de Estado

O argumento a ser usado vai na linha de que Lula e Trump são chefes de Estado. Ainda que discordem os presidentes, Estados Unidos e Brasil têm interesses recíprocos quanto aos países. E, portanto, Trump teria de se reunir e discutir esses interesses dos dois países com Lula. E vice-versa.

Projetos

Trump e Flávio Bolsonaro seriam partes de um mesmo projeto político de direita. Em nome desse projeto, se apoiariam mutuamente. Interessaria a Trump colocar a direita no comando do principal país da América do Sul. Da mesma forma como tentou manter Viktor Orbán na Hungria, embora lá tenha falhado.

Pose

Uma foto posada. Nenhum comentário posterior de Trump. Ele sentado, e Flávio Bolsonaro de pé. Mas é o que ele conseguiu obter. A argumentação é que Trump abriu um espaço na agenda para receber um aliado no meio da administração de questões atribuladas que envolvem a crise no Oriente Médio.

Tempo

Há informações de que foi um encontro rápido. Outras de que durou mais de uma hora. O tempo exato não foi divulgado. Agora, é verificar de que forma os próximos fatos irão repercutir. Como os eleitores irão interpretar o encontro de Flávio com o presidente dos EUA. Ao mesmo tempo, se não surgirão novos fatos na crise com o Master.

Valdemar

E a turma de Flávio precisa conter a língua. A fala do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, de que Flávio foi à casa de Vorcaro quando ele já usava tornozadeira para lhe cobrar o dinheiro devido não pegou nada bem. Não dá para dizer que ele àquela altura nada sabia sobre os rolos e a origem do dinheiro.

Investigação

O deputado Lindbergh Farias (PT-RJ) entrou com uma ação pedindo à Polícia Federal que investigue o que disse Valdemar. O argumento de Flávio é que era uma conversa privada para um investimento privado. Mas a tornozadeira já indicava claramente ao senador que a grana vinha de créditos falsos de aposentados.



Empresários pediram a Alcolumbre “cautela” sobre fim da 6x1

Empresários tentam barrar 6X1 no Senado

Enquanto isso, projeto avança entre os deputados

Por Gabriela Gallo

Após um pedido de vista do deputado federal Maurício Marcon (PL-RS), a comissão especial do fim da jornada de trabalho na escala 6X1 (em que o empregado trabalha seis dias da semana e descansa um) retoma a discussão do relatório final Proposta de Emenda à Constituição (PEC) do tema nesta quarta-feira (27). A previsão é que a PEC seja votada no colegiado no mesmo dia e siga para votação no plenário da Câmara dos Deputados nesta quinta-feira (28).

Mas antes mesmo da PEC da redução da jornada de trabalho ser votada e, eventualmente, aprovada na Câmara, empresários se reuniram nesta terça-feira (26) com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), para tentar barrar a medida na Casa Alta do Congresso.

Em uma entrevista coletiva após o encontro, os representantes dos setores alegaram que a articulação não necessariamente visa impedir o fim da escala 6X1, mas que o tema deveria ser discutido com mais calma e atenção, para que não se torne uma pauta eleitoral. Eles criticaram a falta de grupos de trabalho para debater o tema e defenderam que a proposta fosse votada somente após as eleições de outubro deste ano.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São

Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, disse que a Câmara não fez a negociação necessária com o setor e criticou “políticos que usam das pessoas e dos interesses do país para bandeiras políticas e para efeito eleitoral”. Questionado, disse que o setor não quer a paralisação da discussão sobre a redução da jornada de trabalho, mas que ela seja feita “com seriedade”, já que “essa discussão não é rápida”.

“Cada setor tem a sua particularidade, em lugar nenhum do mundo se tem escala de trabalho engessada na Constituição. Normalmente é a livre negociação. Se pegar a pecuária, por exemplo, a pecuária leiteira é diferente da pecuária de corte, a indústria química é diferente da indústria de calçados, a saúde é diferente dos shoppings centers. Nós temos dois mil setores, cada um tem as suas particularidades”, destacou o presidente da Fiesp.

Os empresários informaram que Davi Alcolumbre e outros senadores presentes ouviram as demandas e, apesar de não terem se posicionado abertamente sobre o caso, eles manifestaram que tratarão do tema com maior cautela.

Para a imprensa, o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Ricardo Aldan, ainda ponderou que os impactos financeiros da medida, gerados devido ao prazo de adaptação, podem variar num aumento de 6% a 8% nos preços de produtos e serviços.